Globethics Repository



A paranoia em torno da pedofilia [The paranoia around pedophilia]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-16 16:04:56
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160569

"O pedófilo é atraído pelo não-saber da criança, ou, para dizê-lo em linguagem corrente, por sua inocência"

como é que uma mãe atenta não tenha notado nada sobre o corpo de sua filha ou sobre sua maneira de ser em casa. É o caso de acreditar que se trata, muitas vezes, de mães mais ou menos coniventes que entregam suas filhas, ou suas crianças, às pessoas que as circundam. Essas mães são, muitas vezes, coniventes, mas à sua revelia.

IHU On-Line - Quais são as consequências da pedofilia para o psiquismo da criança e como esse fato pode retroagir em sua vida adulta?
Nazir Hamad - As crianças que sofreram tal violência guardam sequelas indeléveis. Essas sequelas se traduzem frequentemente por dificuldades em ter uma vida sexual normal, mas, sobretudo uma interferência de marcas simbólicas que nos inscrevem como membros numa cultura e numa comunidade humana. Em outros termos, a maior dificuldade para elas é de se situar quanto às gerações e quanto ao elo de parentesco.

IHU On-Line - Em sua experiência psicanalítica, qual é a realidade sobre a pedofilia com crianças adotadas? Há maior incidência de casos entre esse grupo de crianças?
Nazir Hamad - Nada nos diz que as crianças adotadas sejam com mais frequência vítimas dos abusos sexuais do que as crianças biológicas. Isso quer dizer que o elo de parentesco em adoção introduz o interdito do incesto, como é normalmente o caso na família biológica.

Leia Mais...

Confira o artigo exclusivo de Nazir Hamad às **Notícias do Dia** do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

* *A pedofilia e a questão do celibato*. **Notícias do Dia** 15-04-2010, disponível para download em http://migre.me/yHD1

A paranoia em torno da pedofilia

Jornalista francês Philippe Di Folco alerta para os "mecanismos de prudência" instalados para combater a pedofilia. É preciso ter bom senso, acentua. As pornografias não interferem sobre os delitos sexuais, analisa

Por Márcia Junges | Tradução Benno Dischinger

Não se pode generalizar quando o assunto é pedofilia, acentua o jornalista francês Philippe Di Folco, em entrevista exclusiva, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. É preciso julgar caso a caso já que "cada ser é um percurso singular, cada humano é uma história única, que é uma acumulação de encontros, de discrepâncias, de pulsões, de impulsos para diversas formas de conhecimento, reconhecida como mais ou menos útil". Ele alerta para a verdadeira paranoia que se criou em torno do tema. Mecanismos de prudência estão instalados por toda parte, destaca, "para evitar todo risco de 'derrapagem" e, por decorrência, todo risco de contato simplesmente linguístico". Tal preocupação não é salutar, diz Di Folco: "as crianças necessitam, para tornar-se adultas, de um freio, mas também de ver o mundo de verdade, de correr risco, de aprender o que é o risco, o perigo, e, portanto, a vida". Quanto à relação entre pedofilia e pornografia, ele questiona: "Como compreender as amálgamas entre o que é da ordem da ficção, nutrindo-se de fantasmas, de imaginários sexuais, e o que efetivamente tem lugar, portanto, fatos, em termos de direito comum, isto é, o abuso sexual contra o menor?" Em sua opinião, as diferentes pornografias "não interferem mais sobre o aumento, ou não, dos delitos sexuais contra o menor do que um filme de gângster influencia sobre os ataques à mão armada".

Philippe Di Folco é o organizador de *Dictionnaire de la pornographie* (Paris: PUF, 2005). É escritor e ensaísta. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que significa a palavra pedofilia? É "amar crianças", "gostar de crianças", ou o "prazer de ter relações sexuais com elas"?
Philippe Di Folco - Esta palavra "pedofilia", em vista de sua arqueologia, é uma "patologia verbal", saída dos estudos proto-psiquiátricos dos anos 1880, ou se quiser, é uma invenção linguística que deu lugar a um abuso de linguagem homologada pelo uso corrente (um *lugar comum*, um *clichê*). Ela nasceu da aliança de duas raízes gregas: *pais, paidos*, significando "criança" e *philein*, "amar por amizade". Em meados do século XIX, a criança e o adolescente obtêm um status social: eles existem, são vistos, se pensa neles em termos de direito, de obrigação (*Kindergarten*, escola pública elementar obrigatória etc.). De fato, na língua francesa (não sei dizer para as outras línguas), não existe nenhuma palavra para expressar "o desejo de um ato sexual com uma criança", sabendo que este desejo seria condenado, já que isso significaria instaurar um policiamento dos fantasmas e dos sonhos, como em qualquer romance de antecipação

(assim, é ridículo condenar as obras de René Scherer[1], de Tony Duvert[2], ou de Gabriel Mazneff)[3].

A partir dos anos 1950-60, conceitos saídos do Direito e da Lei, da Religião, da Psicanálise, apelam a termos tais como violação, abuso, desvio e, por vezes, de maneira eufemística, achego e perversão. Este regime jurídico-linguístico comum, visa, pelo menos no Ocidente, ou antes, na esfera euro-americana, a proteger os menores, isto é, os humanos que não atingiram a idade da maioridade sexual (que é diferente da maioridade cidadã: nos Estados Unidos até há três graus de maioridade: 16 anos para a condução de automóveis, 18 anos para a votação e o sexo, 21 anos para o álcool). O que significa esta "idade da maioridade"? É o momento em que se estima que um indivíduo seja capaz de tomar uma boa decisão por ela mesma, a qual não ponha em perigo sua saúde física e mental. Mas tudo isso está longe de ser racional e sofre numerosas exceções. Por que o Estado deveria incumbir-se, preocupar-se com nossos jovens corpos? Com que objetivos? E o que é de fato essa saúde mental? Existiria um modelo perfeito para o qual cada uma e cada um deveria tender, o do "cidadão responsável e bom pai / boa mãe de família"? Vê-se bem, pelos fatos, que não.

IHU On-Line - Em sua relação com as crianças, a pessoa qualificada como pedófila põe em prática seus desejos. De outro lado, certos aficionados à pornografia parecem ávidos, através de filmes, de tais representações. Como entender esse limite que separa os fantasmas de sua passagem ao ato e, mais especificamente, de que ato se fala aqui, como por exemplo, o de alguém que não pode decidir por si mesmo?

Philippe Di Folco - As pornografias, aqui consideradas como visuais, obedecem à oferta e à demanda: existe uma demanda de representações, de ficções pedófilas, portanto de atrizes / atores, de realizadores e de produtores para efetivamente produzirem tais ficções que, sob a forma de produtos visuais (DVD, site da Internet, revistas impressas) aparecem no mercado. O mercado absolutamente não é unificado ou unívoco: por exemplo, as sexualidades japonesas (ou seus códigos sexuais) diferem das outras esferas sexuais simbólicas: pense no fantasma da "filhinha falsamente inocente" etc. Numa mesma ordem de ideias, os códigos evoluem com o tempo: na Euro-América, Lewis Carroll[4], se ele vivesse hoje, seria, sem dúvida, qualificado de pedófilo (de fato, ele o foi, ele o diz em suas cartas, no sentido de 1880: "amizade/amor pelas crianças").

"É de causar espanto que muito cedo a criança, e depois o jovem adolescente, vá procurar na Internet 'foros', lugares de socialização, experiências, meios a fim de conhecer seu corpo, sob risco de pô-lo em perigo?"

É preciso, além disso, distinguir as encenações pedófilas (falsos corpos adolescentes etc.) das verdadeiras produções de caráter pedófilo que, pessoalmente, eu jamais vi. É um pouco o mesmo problema que o "snuff movie": se está entre o rumor, a lenda urbana e a realidade de um mercado liberal onde tudo *parece* possível. Eu não digo que tudo isso não existe, eu digo simplesmente que aquela ou aquele – e isso, mesmo que essa pessoa seja menor – que quer ver material pedófilo o obtém sem dúvida mais facilmente do que há um século. E agora, o que fazer?

Como compreender as amálgamas entre o que é da ordem da ficção, nutrindo-se de fantasmas, de imaginários sexuais, e o que efetivamente tem lugar, portanto, fatos, em termos de direito comum, isto é, o abuso sexual contra o menor? Creio que é preciso confiar em nossas democracias, em seus sistemas jurídicos que sabem julgar os fatos e, portanto, gerenciar caso a caso: por exemplo, nossos jurados deliberam em segredo, e é por aí que nos aproximamos o mais possível da noção do justo. Isso é paradoxal, mas serve para se opor à vingança popular, ao linchamento, aos julgamentos do "levar a melhor", aos amálgamas veiculados por certa imprensa populista... É preciso crer na sociedade quando ela é capaz, graças às ferramentas fundamentais que são as assembleias eleitas, os juízes independentes, os advogados, os jurados populares, e um direito capaz de evoluir pela jurisprudência, de contrapor-se a esses amálgamas e assim evitar que seja aviltada ou empregada exageradamente a noção de pedofilia, ou de ser confundida com as pornografias.

IHU On-Line - Numa entrevista anterior para nossa publicação, o senhor declarou ser errônea a ideia de que a pornografia conduz a uma argumentação dos atos de pedofilia. Por quê?

Philippe Di Folco - Eu trabalhei nos anos 2003-2005, durante a elaboração do *Dictionnaire de la pornographie* (Paris: PUF, 2005), com pessoas incumbidas da vigilância sobre as redes eletrônicas na França para tudo o que liberasse representações de caráter pedófilo comprovado. Discutindo na ocasião com esses serviços de controle estatais, e também com pesquisadores especializados nas sexualidades (Ph.

1 **René Scherer** (1922): filósofo francês, autor de, entre outros, *Une érotique puérile*, *Émile perverti ou Des rapports entre l'éducation et la sexualité* e *L'Emprise. Des enfants entre nous*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Tony Duvert** (1945): escritor francês cujos temas principais de sua obra são a crítica da família e a pedofilia. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Gabriel Matzneff** (1936): escritor francês de origem russa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Lewis Carroll** (1832 – 1898): pseudônimo adotado pelo matemático e escritor Charles Lutwidge Dodson, que nasceu em Cheshire, Inglaterra. Sua fama vem mais de seus dois livros infantis, *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Através do espelho* (1872), ambos escritos sob inspiração de Alice Liddell, filha do deão da Christ Church, de apenas 10 anos de idade, por quem ele nutria uma paixão platônica. (Nota da **IHU On-Line**)

Brenot[5], A. Giami[6]), e tendo frequentemente contatos com juristas e filósofos do direito (R. Ogien[7]), continuo dizendo que as diferentes pornografias, tais como elas se manifestam hoje, em sua amplitude, sua rapidez de circulação, seus delírios, não interferem mais sobre o aumento ou não dos delitos sexuais contra o menor do que um filme de gângster influencia sobre os ataques à mão armada. Não é George Clooney[8] com *Ocean 13* que explica o aumento dos arrombamentos, nem é a série *Saw* que explica o fato de ainda haver assassinos em série. Nem mesmo menciono a série televisiva *Dexter*!

IHU On-Line - Você escreve que não se pode pensar a pornografia em termos de "pânico moral". É possível dizer a mesma coisa sobre a pedofilia? Por quê?

Philippe Di Folco - A locução "pânico moral" é empregada pelo filósofo Ruwen Ogien para intitular sua obra publicada pela editora Grasset em outubro de 2004. Este estudo, muito preciso, está ligado ao seu precedente ensaio *Penser la pornographie* (2003). Ogien mostra que a pornografia visual provoca reações de enlouquecimento e, eu cito "que a partir do momento em que se aceita [...] os princípios de uma *ética minimalista,* não existe nenhuma razão para estigmatizar a pornografia visual como um 'gênero' imoral" (*LPM,* 10-11). A pedofilia enlouquece, é o mínimo que se pode dizer: ela provoca grandes títulos na imprensa (caso Outreau, resenha pedofílica austríaca, caso dos padres irlandeses e do Vaticano etc.), ela inquieta, pois, no coração do lar, os pais e as crianças e, no terreno público, as instituições educacionais e repressivas.

> "Pedofilia enlouquece, é o mínimo que se pode dizer"

O fato de que, durante séculos, em Atenas, velhos professores tinham o dever de se ocupar sexualmente de seus alunos-garotos antes que eles se tornassem "Andrei", isto é, homens (barbeados, em idade de se casar e de combater, de assumir a responsabilidade de um lar), não faz do filósofo ateniense um monstro, não macula em nada a dimensão moral do pensamento antigo. O fato de que R. Polański[9] tenha dormido com uma jovem moça de 13 anos, em 1977, não faz deste cineasta um monstro e não condena sua obra à execração pública (ou à "morte civil"). O fato de que, no segredo do lar, crianças durmam com seus pais, como é o caso na Itália, por exemplo, não leva a se julgar dito lar como ninho de uma série de atos sexuais. Kant[10] reivindicava a neutralidade de julgamento ante as maneiras de viver pessoais e se abstinha de toda justificação religiosa ou metafísica. Eu digo simplesmente que se devem evitar os amálgamas, as generalidades, colocar todo o mundo num mesmo saco, notadamente os pais: é preciso julgar caso a caso, cada ser é um percurso singular, cada humano é uma história única, que é uma acumulação de encontros, de discrepâncias, de pulsões, de impulsos para diversas formas de conhecimento, reconhecida como mais ou menos útil.

IHU On-Line - O que a atual classificação de pornografia e pedofilia diz sobre a sexualidade e as "escrituras do corpo" do sujeito no início do século XXI?

Philippe Di Folco - Eu digo com bastante frequência: lembrem-se de sua infância. O que vocês sentiam quando, pelos 7 ou 8 anos, estavam no meio de uma reunião de adultos que se pavoneavam? Você sentia uma impaciência em crescer, em se tornar como eles? É o que mostra Almodóvar[11] em *La mauvaise éducation* (A má educação): no final das contas, não houve morte de ninguém, o pai Manolo não matou ninguém, e a criança, seu corpo, conheceu o desejo, depois o reconheceu, aprendeu a lidar com ele, a se educar, a crescer. A coisa que bloqueia é instalar sistemas de controle para evitar, *não importa a que preço* (inclusive em nome das liberdades fundamentais), e impedir todo ato que tenderia a tornar-se pedófilo. Assim, imagine-se apenas, num jardim público, com crianças brincando sob a vigilância de seus pais. Você decidiria falar com uma criança? Creio que, bem em breve, isso não será mais possível. Mecanismos de prudência quase paranóicos se instalam por toda parte para evitar todo risco de "derrapagem" e, por decorrência, todo risco de contato simplesmente linguístico. Ora, as crianças necessitam, para tornarem-se adultas, de um freio, mas também de ver o mundo de verdade, de correr risco, de aprender o que é o risco, o perigo, e, portanto, a vida. O fechamento, o contingenciamento das crianças, do lar à escola, passando por centros esportivos - será isso o que nós queremos?

5 **Philippe Brenot** (1948): médico psiquiatra, antropólogo, e diretor de estudos na Universidade Paris Descartes. Estuda a antropologia da sexualidade humana. De sua produção bibliográfica, citamos, *Le sexe et l'amour, Éloge de la masturbation* e *L'Éducation sexuelle*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Alain Giami** (1952): cientista social francês cujos trabalhos mesclam o tema da sexualidade sob enfoques psicológicos, sociológicos e históricos. (Nota **da IHU On-Line**)

7 **Ruwen Ogien**: filósofo francês, diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), onde escreve sobre filosofia moral e das ciências sociais. Entre suas obras, destacamos *Penser la pornographie* (Paris: PUF, 2003), *La philosophie morale* (Paris: PUF, 2004), *La panique morale* (Paris: Grasset et Fasquelle, 2004). Concedeu entrevita à edição 173 da **IHU On-Line**, de 27-03-2006, intitulada *Por uma ética antipaternalista*, disponível em http://migre.me/zCzj. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **George Timothy Clooney** (1961): ator e diretor de cinema e televisão estadunidense. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Roman Rajmund Polański** (1933): cineasta, produtor, roteirista e ator franco-polonês. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em http://migre.me/uNrH. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em http://migre.me/uNrU. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Pedro Almodóvar Caballero** (1949): cineasta, ator e argumentista espanhol. (Nota da **IHU On-Line**)

"O fato de que R. Polański tenha dormido com uma jovem moça de 13 anos, em 1977, não faz deste realizador um monstro e não condena sua obra à execração pública (ou à 'morte civil')"

É de causar espanto que muito cedo a criança, e depois o jovem adolescente, vá procurar na Internet "foros", lugares de socialização, experiências, meios a fim de conhecer seu corpo, sob risco de pô-lo em perigo?

IHU On-Line - Qual é seu ponto de vista sobre a opinião pública em referência à pedofilia?

Philippe Di Folco - Uma vez mais, é muito difícil julgar globalmente a opinião. As sondagens nada provam. Nem os grandes títulos da imprensa e, ainda menos um "caso". Recordemos que, na França, em 1973, por ocasião do caso Bruay em Artois, suspeitou-se de um notário local que teria violado e matado uma adolescente: imediatamente, segundo o contexto sócio-político da época, isso se tornou o "crime dos burgueses" contra os filhos de operários. Nem Marx[12], nem Emile Zola[13] jamais exigiram tanto! Em 1898, em seu *Eu acuso!*, quando ele fustiga o antissemitismo consubstancial de uma época, mas também e sobretudo o nacionalismo histérico, o ódio antialemão que nos deveria conduzir à carnificina de 1914-18 (e ao massacre de milhões de jovens euro-americanos), em suma, quando ele, o escritor, se agarra ao dispositivo perverso de uma sociedade cegada por crenças, pelo fanatismo, pelo pânico, o qual foi sabiamente mantido pela ideia de revanche, de desforra, se está num grande momento de puro pensamento midiático. Daquele pensamento que modela, que modifica o decurso da História e que é, e isso eu afirmo, fundamentalmente pedo-criminosa: é sempre o jovem que deve combater e, portanto, morrer para proteger a retaguarda, ou seja, os velhos. Em casos de fome, é o filho que marcha primeiro. As usinas absorvem o trabalho dos filhos e, portanto, suas jovens forças.

Tenho confiança nos espíritos clarividentes de nossa época. Sempre os haverá. Tento, de minha parte, permanecer vigilante. E, para retomar a advertência de Fritz Lang[14] no final de *M le Maudit, M o Maldito*: "Presto muita atenção ao meu filho", isso quer dizer que eu creio no cuidado, que eu não posso não cuidar do ser que me é mais caro, meu filho, com o qual eu assinei um pacto tácito, o de educá-lo, de ajudá-lo a tornar-se autônomo, forte, livre. Há as palavras, as promessas que se fazem, mas há acima de tudo os atos: a filosofia do cotidiano deve ser: "quando dizer é fazer". Zola, com seu *Eu Acuso,* é um dos grandes momentos de "dizer é fazer".

12 **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em http://migre.me/s7lq. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em http://migre.me/s7lF. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Émile Zola** (1840-1902): escritor francês. Criou o movimento literário chamado naturalismo, segundo o qual se aplicava à descrição dos fatos humanos e sociais o rigor científico. Além de romancista foi também jornalista. Escreveu *O ventre de Paris* (1873); *A taberna* (1877); *Naná* (1880); *Germinal* (1885). (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Friedrich Anton Christian Lang** (1890-1976): cineasta, realizador, argumentista e produtor nascido na Áustria, mas que dividiu sua carreira entre a Alemanha e Hollywood. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

Confira outras entrevista concedidas por Philippe Di Folco à **IHU On-Line**.

* *Pensar a pornografia sem pânico moral*. **IHU On-Line** número 173, de 27-03-2006, disponível para download em http://migre.me/yHWB



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br